

CENAS DE RUA: O TEATRO OPERÁRIO NO ABC NO PÓS-1964

Kátia Rodrigues Paranhos – UFU

Este texto discorre sobre a atuação do Grupo de Teatro Forja, ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Durante os anos 1970 e 1980 as lideranças sindicais estavam empenhadas em mobilizar os metalúrgicos por meio de programações culturais, planos de formação política e projetos de comunicação. Ao procurarem organizar a categoria, instituem o campo cultural como uma estratégia de luta decisiva naqueles anos. Destaca-se, então, o significado político do Grupo de Teatro Forja, constituído pelos dirigentes sindicais, trabalhadores da base e por um ator e diretor de teatro.

Tal grupo se distinguia especialmente pela criação coletiva de textos, por atuar nas campanhas salariais (nas portas de fábricas, nas assembléias e nos bairros) e na assessoria a movimentos sociais locais, não deixando de lado a montagem de peças identificadas com seu projeto estético-político. Buscarei, assim, evidenciar que, para o Forja, era fundamental associar a escritura de textos, como uma forma de intervenção social e ficcional, ao chamado “trabalho cultural de libertação” dos trabalhadores.

O Forja acabou produzindo um universo de linguagens, representações, imagens, idéias, noções que eram assimiladas tanto pelas lideranças sindicais como pelos trabalhadores da base. Sem dúvida, o teatro operário impulsionou, de forma decisiva, o movimento dos trabalhadores metalúrgicos em São Bernardo em direção a uma experiência cultural significativa para o sindicalismo brasileiro. Como lembra O. Ianni, “a emancipação da classe operária, em termos sociais, econômicos e políticos, compreende também a sua emancipação cultural”.

O que o movimento dos trabalhadores do ABC, juntamente com os intelectuais de uma tradição de esquerda, fez em relação ao sindicato e à cultura é algo digno de registro. Por isso, ao focalizar esses homens, sujeitos sociais com práticas e experiências de vida e

consciências distintas, o fator que prepondera é a disponibilidade para o exercício do pensamento. Os operários não são vistos como uma “coisa”. Seguindo os ensinamentos de R. Hoggart, R. Williams e E. P. Thompson, os trabalhadores não são apresentados como um grupo passivamente explorado, mas como um conjunto de pessoas que criam sua própria tradição, apesar da modernização da mídia de massa e da incorporação à cultura massificada.

É importante esclarecer que as atividades culturais organizadas pelas lideranças sindicais de São Bernardo¹ abrangem: a coluna cultural no jornal *Tribuna Metalúrgica*, o apoio ao futebol, com a fundação do Grêmio, os bailes, as festas, os piqueniques (lembremo-nos de que os anarquistas também promoviam esses eventos), dicas no jornal sobre livros, discos e programas de televisão, a constituição de um departamento cultural responsável pelas mais diferentes iniciativas, os festivais de música e de pipa e o grupo de teatro.

Assim sendo, desde 1971 os dirigentes sindicais reservaram um lugar no jornal para noticiar as atividades culturais. O nome da primeira coluna cultural era *Recreação e esporte*. Em março de 1972, teremos a estréia do *Bilhete do João Ferrador* e a coluna *Recreação, cultura e esporte*.² Além de futebol e dos passeios, a nova coluna procurava explicar os fatos históricos para os trabalhadores metalúrgicos.

Em 1975, o jornal *TM* veiculava o artigo "O teatro está perto de você" sobre o Grupo Ferramenta de Teatro, ligado a Escola de Madureza do sindicato, o Centro Educacional Tiradentes - CET.

Assim no dia 20 de abril na sede do sindicato, o Grupo Ferramenta encenou duas comédias escritas em 1845 de Martins Pena: *O caixeiro da taverna* e *Quem casa que casa*.³

Em 1977, o sindicato promove um debate operário sobre horas extras. Mas não ficou só nisso. Enquanto o sindicato desenvolvia a campanha salarial com os conhecidos recursos tradicionais, outra atividade cultural agitava os trabalhadores. A peça teatral *Eles crescem e eu não vejo* escrita por Expedito Soares Batista, título, aliás, inspirado na campanha contra a hora-extra, procurava construir um canal efetivo de acesso aos

metalúrgicos.⁴

Maio de 1979," um grupo de operários e filhas de operários metalúrgicos reunia-se na sede do sindicato, (...). O grupo pretendia realizar um trabalho cultural (...) que além de ser uma opção de lazer, pudesse também contribuir no crescimento e avanço da consciência da classe operária. Formou-se assim o Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Mas não era a primeira vez que esses operários se reuniram para falar de teatro. Alguns já haviam participado do extinto Grupo Ferramenta também do sindicato".⁵

Já em fins de 1978, na preparação da campanha salarial para 1979, esse grupo de trabalhadores metalúrgicos havia se organizado para montar uma peça que pudesse ajudá-los no esclarecimento e na mobilização da categoria em torno do *Contrato Coletivo de Trabalho*, que era o eixo principal da campanha. Baseado em entrevistas, Tin Urbinatti, vindo do Grupo de Teatro das Ciências Sociais da USP, coordenador-geral, escreveu *O contrato*.

Depois da greve e da intervenção, o Grupo Forja estava criado e tinha definido alguns de seus objetivos: *atuar no sindicato, nos bairros e favelas onde moram os metalúrgicos; montar peças mais elaboradas artisticamente e peças mais simples (esquetes) para auxiliar mais diretamente nas campanhas deflagradas pelo sindicato*.⁶

No dia 7 de março de 1980, o *Suplemento* veiculava as notícias do teatro: *Pensão Liberdade* é o nome da peça que o *Grupo Forja, formado por trabalhadores, irá apresentar domingo dia 9 às 20 horas, no auditório do sindicato*.⁷

Aliás, é importante registrar que a peça *Pensão Liberdade* (escrita pelos atores-operários), mostra como o operário vê os seus problemas, as lutas, o seu trabalho. Narra o que é a vida do operário através do dia-a-dia em uma pensão. Os temas dispostos mostram a luta na fábrica, o desemprego, o escritório, a escola, o sindicato, a assembléia, a greve e o piquete.

Durante a greve de 1980 ocorre nova intervenção no sindicato. O Forja continuou apresentando a peça nas ruas e nas praças de São Bernardo. O cenário misturava os

atores-operários, trabalhadores, policiais, cães, cavalos, bombas e cassetetes. Enquanto alguns encenavam o texto, outros corriam da polícia, entregavam alimentos, boletins (nas ruas e fábricas), faziam piquetes, pichavam muros, corriam atrás de documentação de presos etc. Sempre com a perspectiva de incentivar e trazer os metalúrgicos, os parentes, os amigos para a luta política.

Corria o ano de 1981. O Grupo de Teatro Forja estava apresentando dois trabalhos: *Operário em construção*, baseado em poesias de Vladimir Maiakovsky, Vinícius de Moraes e Tiago de Melo e uma peça de teatro de rua – *A greve de 80 e o julgamento popular da Lei de Segurança Nacional*. Essas peças eram apresentadas nas ruas, nas praças, na Vila Euclides (Estádio 1º de Maio), ou seja, nos locais onde a diretoria cassada em 1980 realizava as assembléias da campanha salarial de 1981, pois o sindicato continuava sob intervenção federal.

Após a apresentação de cada peça (de palco e/ou rua), os membros do Forja promoviam debates sobre as questões levantadas. Disso resultou a constituição de novos grupos de teatro da região: Grupo Tupi, na Vila Palmares em Santo André, Grupo Alicerce, do Sindicato de Mobiliário e Construção Civil de São Bernardo e o Grupo Teatral do Jardim Silvina (da favela) em São Bernardo. A experiência do Forja era passada em diversos níveis. Os problemas da comunidade eram discutidos, avaliados e o tema preparado coletivamente. “Isto é, a partir das necessidades da comunidade é que se estabeleceria tema da peça de teatro a ser montada”⁸

Sem a sua casa, sua oficina de trabalho que era o sindicato, o Forja utilizava também o espaço do Fundo de Greve. Com estas peças, o Forja *cumpria seus objetivos: 1. fazer um teatro que fosse uma opção cultural, de lazer para os trabalhadores e 2. cumprir a função social do teatro de fornecer subsídios para a reflexão da própria vida e realidade.*⁹

No ano de 1982 *O robô que virou peão* foi a peça de teatro de rua com que o Grupo Forja auxiliou a diretoria do sindicato nas assembléias da campanha. Um teatro sem-texto. Sem nenhuma palavra. Apenas mímica e gestos.

Encontramos, também no mesmo ano, um outro texto, a peça *Pesadelo* escrita e

dirigida pelos trabalhadores, situando o problema do desemprego.

A peça *Pesadelo* fica em cartaz no sindicato até o mês de dezembro. Depois é retomada em janeiro de 1983, encerrando esse ciclo no mês de fevereiro. Na campanha salarial daquele ano os atores-operários apresentaram o esquete de rua *Brasil S/A Assim*, entre os anos de 1983-84, os líderes sindicais de São Bernardo continuaram apostando todas as suas fichas nas atividades culturais, especialmente no grupo de teatro

Em 1984, o Grupo Forja exibiu duas peças no sindicato: *O operário em construção* e *Pesadelo*. Nos bairros e nas portas de fábricas duas peças de rua: *Diretas volver* e *CIPA*. Desse modo, os esquetes de rua apresentados naquele ano focalizavam dois temas candentes para a campanha e para o próprio sindicalismo: a importância das CIPAs e das eleições diretas para presidente da república. No decorrer de 1985, além das múltiplas atividades culturais propostas pelo sindicato – festas, bailes, shows, ciclo de cinema e ciclo de debates – o Forja continuou apresentando *O operário em construção* e o esquete *Boi constituinte*.

Entre 1986 e 1987 o Forja continua atuando no sindicato e em outros espaços. Nos dias 04 e 05 de abril de 1987, marcando os 8 anos de atividades do Grupo, é encenada a peça *A revolução dos beatos* de Dias Gomes.

A partir do ano de 1988 vamos conhecer uma intensa programação de peças teatrais de outros grupos da região. Ao mesmo tempo em que o departamento cultural incentiva a formação de um novo grupo de teatro do sindicato – com a dissolução do Forja – abre-se espaço para grupos como “Um Certo Quadro Negro”, “Renascença”, entre outros.¹⁰

Vale recordar, que para as lideranças sindicais de São Bernardo, o “trabalhador, no seu cotidiano, escreve poesias, faz música, pinta, faz escultura, enfim, produz arte. (...) É preciso priorizar a questão cultural como formadora de consciência política e que possibilite ao trabalhador entender o seu papel no processo de transformação.¹¹

Cabe salientar que o departamento cultural investe na capacidade dos trabalhadores produzirem e terem acesso as produções culturais existentes, bem como ter um espaço para produção e manifestação.

O Grupo de Teatro Forja retorna – ensaiando uma volta que se tornou episódica – em 1991, com a peça *Águia do Futuro*.¹² Mais uma vez, arte e diversão no sindicato, na fábrica e noutros espaços.

Fernando Peixoto, no texto “Quando o povo assiste e faz teatro” – a propósito da peça encenada pelo Forja *Pensão Liberdade* – salienta a importância do teatro popular como uma questão política. Desse modo, a questão da estética é também uma questão política. Uma “estética do oprimido, que exprime a ideologia da libertação. Existe uma arte revolucionária, que não deixa de ser arte por assumir a tarefa prioritária de transformar a sociedade. Que, enquanto arte, sabe que sua eficácia política está na razão direta de sua riqueza artística. (...) Teatro popular é uma questão política: não pode ser compreendido fora da batalha pela democracia e pelo socialismo”.¹³

Para as lideranças sindicais de São Bernardo o empenho em desenvolver atividades culturais – entre as quais o teatro é de fundamental importância – requer objetivos pontuais, tais como: “desenvolver o ser humano no seu todo”, “proporcionar momentos de lazer”, “desenvolver o intelecto”, “fortalecer a luta”¹⁴ etc. Durante os anos 70 e 80 temos um universo de linguagens, representações, imagens, noções propostas pelas lideranças sindicais que constitui, no dizer de O. Ianni, um “acervo fundamental” que ecoa até os nossos dias. Toda essa história é uma parte importante da história social e cultural dos atores-operários do ABC.

Em abril de 2000, uma matéria na Folha de São Paulo destaca: “MST apresenta peça em assentamento”. O grupo Teatral Vida em Arte surgiu em 1998, no assentamento de Rondinha. De acordo com os coordenadores do espetáculo, “o objetivo é utilizar o teatro como instrumento de reflexão e conscientização da sociedade”.¹⁵ A peça *Retorno à terra* foi encenada pelo grupo integrado por 16 agricultores que “trocaram” a lavoura pelo palco. Nos anos de 1970 e 1980 os metalúrgicos do ABC, além do sindicato, movimentaram diferentes palcos: as portas de fábricas, os bairros, as praças, estádio de futebol, entre outros lugares. O “fazer teatral” estava ligado às lutas políticas, urbanas e culturais do Brasil no pós-1964.

Notas

1. No terreno da comunicação as iniciativas incluem: o jornal *Tribuna Metalúrgica*, o *Suplemento* e os jornais de trabalhadores das empresas, a TVT – TV dos Trabalhadores, a revista *Ligação*, a Rede de Comunicação dos Trabalhadores – RCT e a Rádio dos Trabalhadores. Com relação à educação e/ou formação temos: conferências, palestras, congressos da categoria e debates com os operários. Assim como o Centro Educacional Tiradentes – CET e o curso de formação sindical.

2. O personagem *João Ferrador* representa um trabalhador de boné, escrevendo um bilhete. Ver *TM*, nº 8, 1972.

3. *TM*, nº 28, 1975.

4. Uma seleção dos trechos mais importantes da peça teatral *Eles crescem e eu não vejo* pode ser encontrada no livro de FREDERICO, Celso. *A Vanguarda Operária*, São Paulo: Símbolo, 1979, pp. 39-48. O autor da peça Expedito S. Batista, na época, era aluno do CET e trabalhava como controlador de qualidade junto à linha de montagem, em uma indústria automobilística.

5. URBINATTI, Tin. “Pensão Liberdade: uma criação coletiva”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pensão Liberdade*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 9.

6. URBINATTI, Tin, *op. cit.*, 1981, p. 10.

7. *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 7 mar. 1980.

8. URBINATTI, Tin. “O trabalho de assessoria a outros grupos de teatro”. S/D, p. 1 (Texto datilografado).

9. URBINATTI, Tin. “Pesadelo: um processo de dramaturgia”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pesadelo*. São Paulo: Hucitec. 1982. pp. 15-16.

10. Cf. *TM* entre os anos de 1988 e 1991.

11. Cf. “Resoluções do 6º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema”, São Bernardo do Campo, 1991, p. 22.

12. *TM*, nº 1863, 05-03-1991.

13. PEIXOTO, Fernando. “Quando o povo assiste e faz teatro”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, *op. cit.*, 1981, pp. 32-33.

14. “1º Congresso dos Metalúrgicos do ABC” Resoluções, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 1993

15. *Folha de São Paulo*, sexta-feira, 28 de abril de 2000.